

HISTÓRIA DA SERICICULTURA EM PORTUGAL. DESDE O INÍCIO DO SÉCULO VIII ATÉ FINAL DO SÉCULO XVIII

Jorge Azevedo¹, Maria Alexandra Mascarenhas² e Ana Mascarenhas³

¹CECAV, UTAD, jazevedo@utad.pt; ²GForm,UTAD; ³Direcção Regional de Cultura do Norte

RESUMO

A Rota da Seda, que chegou a ligar Portugal à China é um tema aliciante, porque nos permite fazer uma viagem no tempo, e levar-nos para períodos muito anteriores aos dos Descobrimentos, em que o comércio se fazia essencialmente por terra e embarcações entre a Ásia e a Europa. A primeira descrição da Rota da Seda (*Seidenstraße*¹), foi efetuada pelo Barão Ferdinand von Richthofen (Kreutzmann, 2007). Em 2014 a UNESCO, classificou com Património da Humanidade, sob proposta da China, Cazaquistão e Quirguistão, uma parte de 5 mil km, da extensa rede de Rotas da Seda, que se estende desde Chang'an/Luoyang (capital central da China nas dinastias Han e Tang) até à região de Zhetysu da Ásia Central. Essa rota foi importante desde o século II a.C. até o século XVI, na troca de bens materiais, e na divulgação de conhecimento científico, inovação tecnológica e de práticas culturais e arte. Este artigo que abrange o período anterior à nacionalidade portuguesa até aos finais do século XVIII, é o segundo de uma série de três, e pode-se verificar neste período de tempo, por vezes, grande interesse pela dinamização da sericicultura e outros períodos de completo abandono desta atividade. A descrição editada em 1900 transcreve bem o pensamento de alguns autores acerca da sericicultura: “E uma agricultura, esta da seda, com que no espaço de três meses se faz a colheita. É negócio com que, sem correr mares e arriscar vidas, sem embarçar mercancias, nem esperar retornos, na própria casa com os domésticos se trata. É uma mecânica sem a qual não poderia trajar a nobreza nem com mil castas de paramentos luzir a igreja. É uma fábrica em que cada morador, sem portas nem janelas faz no ar uma casa em que certos dias se agasalha. É uma vindima cujos obreiros deixam aos donos o fruto e se contentam com a folha. E oficina em que os oficiais naturalmente são tecelões, e a seu tempo, de dia e de noite trabalham. É uma feira em que só um género tem saída e em todas as casas têm entrada. Finalmente é uma mina de oiro em fio; e tão rica, que seu preço tem tudo quanto dela se tira” (Laurent de l'Arbousset [Rocha Peixoto] -

¹ Em Alemão.

citando Bluteau, 1900).

Palavras-chave

Bicho-da-seda, seda, sericicultura, sirgo, Portugal

1 - Resumo Histórico em Portugal

Início do século VIII. Os árabes introduziram a indústria da sericicultura na Península Ibérica, tendo em Portugal deixado vestígios na linguagem sericícola vulgar, caso da palavra alferga (do árabe al-hilqa, dedal), que é a medida da semente dos bichos-da-seda, representada pela porção da cana vulgar, compreendida entre dois nós (Moreno, 1951); anafaia, primeira seda que o sirgo fia antes de formar o casulo; enxarrafa, cordão de seda, borla de seda; haique, vestuário de lã ou de seda que envolve todo o corpo e que os árabes usam sob o albornoz; monção, tempo de ceifa, da colheita dos bichos da seda. A falta de documentos autênticos onde se encontrem referências precisas às primeiras manufaturas de seda no País, não permite afirmar a época exata de introdução do sirgo e fabrico de tecido em Portugal (Masoni-da-Costa, 1906). Terão sido os muçulmanos e os árabes, segundo o mesmo autor, que em Trás-os-Montes fizeram grandes plantações de amoreira preta. A Rota da Seda vai conhecer um novo destino na Península Ibérica, aquando da entrada no século VIII, com estabelecimento de um novo poder, o islâmico. Com a matéria-prima implantam técnicas de trabalho e, aparentemente, eles encontraram um excelente clima e solo na metade sul da Andaluzia. É aqui que são desenvolvidos os principais centros têxteis em Córdoba, Almería, Jaén, Málaga, Múrcia e Granada. Essas cidades em breve se tornaram exportadoras de tecidos da Andaluzia, caracterizados pela qualidade da seda, mas também pelo estilo próprio com que eram feitos. A história da sericicultura na Península Ibérica é bem conhecida, tanto na sua época islâmica como na cristã (Serrano Niza, 2007).

1128 – Início do reinado de Afonso Henriques. Lisboa já era famosa naquela época pelas suas confecções de seda, quando esta cidade foi conquistada aos mouros pelo fundador do Reino de Portugal (D´Almeida, 1945).

1223 – Início do reinado de Sancho II. Na província de Trás-os-Montes é dado um grande impulso à plantação de amoreiras e criação dos bichos-da-seda.

1233. O primeiro documento, em Portugal, que faz menção à criação de bicho-da-seda e à plantação de amoreiras, datado de 11 de janeiro de 1233 é o foral dado pelo

arcebispo de Braga D. Silvestre Godinho, aos moradores do couto de Ervededo² no qual ordenou que a folha das amoreiras não se vendesse para fora do couto e que do sirgo que se criasse fosse a sua parte paga em casulos. Nada é dito como se preparava a seda bruta ou o seu destino (Neves, 1827).

1248 – Início do Reinado de Afonso III. Da sericicultura em Portugal já existe vestígio na lei de 26 de dezembro de 1253 que taxou o preço dos vários tipos de seda (Barros, 1922).

1438 – Início do Reinado de D. Afonso V. Nas Cortes de Coimbra e Évora de 1472-73 o povo informou o rei que o reino de Granada era rico pela seda que produzia e que em Portugal também havia condições naturais para a sua criação, citando que tal já ocorria em Lamego e em Trás-os-Montes. Referem ainda a determinação de que todos os vizinhos e moradores deviam plantar 20 pés de amoreiras ou que as enxertassem em pés de figueira (Dias, 2014), o que foi contestado pois nem a enxertia dava bons resultados nas figueiras, nem era justo que indistintamente ao grande como ao pequeno proprietário, se mandasse plantar igual número de pés de amoreira (Esteves, 1909).

1475. “Em 1475 o duque de Guimarães representou a el-rei que tendo feito contrato com Rui Gonçalves de Portilho e Gabriel Pinello, genovês, para lavramento da seda em Bragança, e não sendo a da terra suficiente, porque era indispensável mais fina, lhe pedia, portanto, que isentasse de direito a que importasse de Almeria e de outras partes de fora do reino, para aquele serviço. D. Afonso V concedeu-lhe a isenção com certas cláusulas” (Alves, 2000). Este é o documento mais antigo referente à indústria da seda, de acordo com (Alves, 2000), mas afirma que a mesma era mais antiga pois estava a ser explorada desde 1233 em Chaves.

1480. Sentença dada em Bragança, a mencionar a folha de amoreira como “coisa de notável valor” (Sousa, 2006)

1481 – Início do Reinado de D. João II. Nas Cortes de Évora as populações queixam-se da opressão exercida sobre elas pelo monopólio da indústria sericícola e da taxa fiscal arbitrária imposta sobre o preço de venda dos casulos. Caso a venda não seja feita aos senhores das terras, ou a quem eles mandatam, mandam prender os produtores e na cadeia obrigam-nos a pagar.

1495 – Início do reinado de Manuel I. As Cortes de Évora tentam restabelecer a lei relativa ao cultivo obrigatório de amoreiras, que tinha caído em desuso; mas as conquistas e comércio do Levante (países asiáticos) causaram a ruína da sericicultura.

1516 . Carta do duque de Bragança, onde se lamenta que dos 40 teares existentes

² Foi sede de concelho próprio até 31 de Dezembro de 1853, data em que passou a pertencer ao concelho de Chaves.

apenas 10 se encontrem em laboração (Sousa, 2006).

1521 – Início do reinado de João III. As sedas da China e do Japão monopolizam o mercado nacional; a indústria da sericultura é desencorajada e naquele tempo dá-se início a um longo período de marasmo. A seda, de acordo com [Andrade 1629](#) tem a sua designação da cidade de Siráz, junto à Babilónia, e chegando-nos da China e do Japão é enviada para Castela aonde é tecida, apesar de em Portugal haver condições para a plantação de infinitas amoreiras e delas infinda seda, porque o tempo dessa ocupação é abril, maio e junho, não havendo, nesse período, nada para semear, recolher ou adubar as vinhas, andando então a gente ociosa. É referido ainda que se os homens, mulheres e o os da religião podiam ocupar-se nesta atividade, para que o reino fosse muito rico, pois em Granada só com os direitos da seda tinha sido possível aos reis mouros alimentar a máquina de guerra, que além dos cavalos tinha 80 mil soldados.

1531. Bragança pede às Cortes isenção de direitos alfandegários e a livre venda dos tecidos de seda (Sousa, 2006).

1549. Determinação do duque de Bragança destinada a desenvolver a indústria da seda naquela cidade (Sousa, 2006).

1557 – Início do reinado de Sebastião.

1568-1578. A expulsão dos mouros conduzidos por Felipe II³ (1568) causou o declínio de uma indústria lucrativa que durante séculos produziu benefícios significativos (Serrano Niza, 2007). O procurador da Câmara de Bragança destaca em 1636, o bom momento que a cultura da seda atravessou durante o reinado de D. Sebastião, com mais de 50 teares de veludo (Sousa, 2006).

1580 – Início dos reinados Filipinos. Vagas de perseguições pela Inquisição em Vila Flor, Vinhais, Bragança, Nordeste Transmontano, com consequências negativas na indústria da seda (Sousa, 2006).

1660-1685. Vinhais, Vila Flor, Bragança, Freixo de Espada à Cinta são vítimas da Inquisição (Sousa, 2006).

1662 – Início do reinado de Afonso VI.

1666. Descrição de Vinhais informa que no passado existira “grande cópia de teares” (Sousa, 2006).

1668 – Início da regência e reinado de Pedro II. A sericultura foi engrandecida sob a liderança do Conde da Ericeira, D. Luíz de Menezes, vedor das finanças do reino. O plantio das amoreiras é novamente o assunto de preocupação dos conselheiros da coroa: é instalada uma fábrica de seda às portas de S. Catarina, na cidade de Lisboa,

³ Filipe II de Espanha, Filipe I de Portugal

é dirigida por trabalhadores estrangeiros; enquanto isso, continuam a operar alguns fábricas em Trás-os-Montes, cujos veludos são considerados.

1676. Resolução de 6 de setembro, provisão do Conselho da Fazenda e carta régia, com medidas de incentivo à sericicultura, com pagamento das folhas da amoreira e plantação das mesmas (Sousa, 2006). A esta Resolução sucederam outras que constituíram incentivo ao fabrico das sedas, sendo então no Reinado de D. Pedro II que esta indústria saiu da decadência em que estava e tomou verdadeiro desenvolvimento (Sequeira, 1922).

1677-1678. Mandado do vedor da fazenda real, conde da Ericeira, obrigando os moradores de Moncorvo e termo a plantarem duas amoreiras por pessoa, nas suas propriedade e baldios. O decreto de 26 de Setembro de 1677, recomenda ao Senado da Câmara, faça plantar as amoreiras, na maior quantidade que puder ser, nos campos, hortas, baldios e mais sítios que se achar capazes, para que com efeito se possam conseguir as fábricas dos teares de sedas que tenho (o rei) mandado introduzir neste reino em grande utilidade de todos os vassallos dele (Sequeira, 1922).

1678. Luís de Menezes manda vir de Itália numerosos artífices para o aperfeiçoamento do fabrico da seda em Portugal (Sousa, 2006). O decreto de 22 de Agosto de 1678 anunciava a chegada desses obreiros e mandava todos os oficiais de justiça que, na área das suas jurisdições, mandassem plantar amoreiras. Em Trás-os-Montes, principalmente em Miranda, ainda existiam algumas fábricas. Em Lamego e Bragança estavam em completa decadência (Sequeira, 1922).

1679. É publicado o primeiro manual sobre a sericicultura “Instrucçam sobre a cultura das amoreiras, & criação dos bichos da seda: dirigida a conservaçaõ, & augmento das manufacturas da seda, estabelecidas pelo muito alto, & poderoso Principe Dom Pedro Governador, e Regente dos Reinos de Portugal, e commetidas á direcção de D. Lvis de Menezes Conde da Eiriceira, & Veedor da fazenda Real” (Rafael Bluteau, 1679). Com a descoberta das minas no Brasil as fábricas, em vez de progredir, desapareceram e apenas os lanifícios na Beira-Alta puderam prosperar um pouco. A fábrica sericícola de Bragança degenerou numa empresa tintureira e só em Viseu é que alguns teares se sustentaram com uma, aliás diminuta, laboração (Sequeira, 1922).

1683 – Início do reinado de Pedro II. Mandados vir de Toledo entre outros, o mestre de seda Eugénio Gomes, para reanimarem a indústria da seda em Bragança (Sousa, 2006).

1686. Regulamento proibindo o uso de panos estrangeiros (Sousa, 2006).

1695-1700. Carvalho da Costa publica a “Corografia Portuguesa” onde se dá conta da considerável criação de bichos-da-seda, do extenso número de amoreiras e da

diversidade de produtos de seda, que se manufacturavam em Moncorvo, Bragança e Freixo de Espada à Cinta (Costa, 1706).

1699. Na pauta da Alfândega de Lisboa as sedas, tafetás e picotes de Bragança são mencionados como objetos de exportação (Sousa, 2006).

1699-1725. Chacim, Bragança e Vinhais, Freixo de Espada à Cinta são vítimas da Inquisição (Sousa, 2006).

1706 – Início do reinado de João V. Robert Godin⁴ organiza uma empresa para a exploração de sedas e monta uma fábrica ao Rato, em Lisboa. Vários contramestres franceses estabeleceram-se no país atraídos pela notícia da instalação de fábrica de sedas.

1724. É publicado o *Manifesto de Turim*, que esteve na base da valorização da seda de Piemonte, que veio a ser adaptado a Portugal (Sousa, 2006).

1734. Ribeiro Sanches lamenta a desolação das províncias de Trás-os-Montes, onde muitas fábricas de seda haviam desaparecido devido ao Santo Ofício (Sousa, 2006).

1749-1755. Última vaga de perseguições da Inquisição no Nordeste Transmontano, em que foram processados 43 tecelões e torcedores de seda (Sousa, 2006).

1750 – Início do reinado de José I. As disposições inteligentes e o exemplo do Marquês de Pombal trazem um curto período de idade de ouro das indústrias sericícolas e sericitécnicas; a Junta Comercial é responsável pela administração da Fábrica Real das Sedas, de controlar esse serviço e impulsioná-los em conjunto para o plantio de amoreiras e de bichos-da-seda em todo o reino, a fim de garantir um mercado para a seda produzida.

1752. Pela lei de 20 de Fevereiro de 1762, devida a Sebastião José de Carvalho e Melo foram promulgadas curiosas e sábias disposições acerca da cultura do sirgo e lavrado da seda, estabelecendo privilégios tentadores para os plantadores e cultivadores de amoreiras, tais como abatimento nas sisas, dízimos e portagem, escusas de serviços, encabeçamentos de fidalgos, foros de nobreza e outras prerrogativas, concedidas na proporção das sedas que lavrassem (Sequeira, 1922).

1769. O Governo importa duas cargas de amoreiras brancas, distribuídas gratuitamente a particulares (Sousa, 2006). Esse valor foi, de acordo com (Cordeiro, 1996), de 39 357 pés, para revigorar a Real Fábrica da Seda, instalada no Largo do Rato, em Lisboa,

1770. A Real Fábrica da Seda é encarregada de dar incremento às culturas de amoreira e de as fiscalizar (Sousa, 2006). Dois decretos permitem a exportação livre de direitos dos tecidos de seda, o que favoreceu a exportação de sedas para as

⁴ Francês

Américas (Sousa, 2006).

1772-1773. São publicados os livros “Instrucção summaria sobre o modo de cultivar as amoreiras, e de crear os bichos de seda” (Nirso, 1772) e “Tratado pratico da cultura de amoreiras, e da criação dos bichos da seda, com huma necessaria instrucção de tudo o que he congruente ao feliz successo deste trafico” (Osório, 1773), aonde o autor começa por dizer que está animado do zelo de que todos os compatriotas se empreguem no plantio de amoreiras e gozem as incomparáveis utilidades, e divertimento.

1777 – Início do reinado de Maria I. A província de Trás-os-Montes continua a implementar grande atividade no uso de sedas: o Conde de Linhares contrata e trás para o país fabricantes italianos e introduz ao mesmo tempo o processo de fiação Piemontês; as escolas de fiação instalam-se em Trás-os-Montes e popularizam-se estes conceitos, fiandeiros ambulantes percorrem a província; é proibida a importação de sedas estrangeiros, com a exceção das sedas britânicas; mas a invasão francesa provoca uma grande perturbação na indústria da seda.

1784. O embaixador Português em Turim, Rodrigo de Sousa Coutinho, envia para Portugal três modelos de máquinas para manufactura das sedas, bem como os regulamentos de Piemonte sobre a seda. (Sousa, 2006).

1785. Chega a Portugal o Peimontês Mateus Biffignandi, especialista em sedas (Sousa, 2006).

1786. José Maria Arnaud chega a Portugal a 11 de junho e é enviado para Trás-os-Montes para proceder à criação de sirgo, ficando um dos filhos em Lisboa, para construir um filatório na zona de Alcântara (CMMC, 1997).

1787. É promovida a plantação e distribuição de milhares de amoreiras em Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta, por José António de Sá, que escreve “Dissertações Philosophico-Políticas sobre o tratado das sedas na Comarca de Moncorvo” (Sá, 1787).

1788. Decreto (3 de junho) que cria as escolas de fiação na Beira e em Trás-os-Montes; decreto (30 de julho) que confirma os estatutos das escolas de fiação de seda e filatório em Trás-os-Montes, instala-se em Chacim a primeira escola, com 32 caldeiras de fiação e, no mesmo edifício o filatório; decreto (15 de setembro) que proíbe a importação de sedas da Ásia; em Lisboa, Matheus Biffignandi e Jacinto Way montam outro filatório (CMMC, 1997).

1795. O conde de Linhares manda vir de Turim mais uma pequena colónia de fabricantes e um filatório de retrós (CMMC, 1997)

1796. O conde de Linhares organiza a *Real Companhia do Novo Estabelecimento para as Fiações e Torcidos das Sedas*, responsável das escolas de fiação, da

promoção da plantação de amoreiras, da compra de seda aos criadores e da distribuição de sementes de sirgo e medalhas de honra aos fiadores e criadores que mais se distinguirem (CMMC, 1997).

2 – Conclusões

A sericultura existe no território que viria a ser Portugal desde o início do século VII deixando vestígios na linguagem sericícola vulgar. Nos três trabalhos apresenta-se a “História da sericultura em Portugal” (1) Origem e utilização atual dos bichos-da-seda e da seda (Azevedo, Mascarenhas, & Mascarenhas, 2015b) (2) Desde o início do século VIII até ao final do século XVIII e (3) Desde o início século XIX até ao início do século XXI (Azevedo, Mascarenhas, & Mascarenhas, 2015a) e evidencia-se a falta de documentos autênticos que comprovem as datas exatas das primeiras manufaturas de seda no País. Desde o reinado de Afonso Henriques que Lisboa era famosa pelas suas confecções de seda. Em 1233 foi atribuído o foral pelo arcebispo de Braga D. Silvestre Godinho, aos moradores do couto de Ervededo no qual ordenou que a folha das amoreiras não se vendesse para fora do couto e que do sirgo que se criasse fosse a sua parte paga em casulo, no que se constitui como o primeiro documento, em Portugal, com referencia a estas atividades. Durante séculos que a sericultura teve altos e baixos, quase que desaparecendo como atividade com alguma importância comercial, em alguns períodos históricos, sendo de salientar o impulso que a mesma teve no reinado de D. José I devido à intervenção do Marquês de Pombal, a nível da dinamização do plantio de amoreiras e no apoio às indústrias sericícolas e sericitécnicas. Foi no reinado de Maria I que foram chamados a Trás-os-Montes fabricantes italianos que introduziram o processo de fiação Piemontês. Foram criadas duas escolas de fiação na Beira e em Trás-os-Montes, instalando-se a primeira em Chacim.

3 - Referências Bibliográficas

- Alves, F. M. (2000). *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança, tomo II*.
- Azevedo, J., Mascarenhas, M. A., & Mascarenhas, A. (2015a). *História da sericultura em Portugal. Desde o início do século XIX até ao início do século XXI*. Paper presented at the 1.º Encontro de História da Ciência no Ensino.
- Azevedo, J., Mascarenhas, M. A., & Mascarenhas, A. (2015b). *História da sericultura em Portugal. Origem e utilização atual dos bichos-da-seda e da seda*. Paper presented at the 1.º Encontro de História da Ciência no Ensino.

- Barros, H. G. (1922). *História da Administração Publica em Portugal nos seculos XII a XV. Tomo IV*. Lisboa: Typographia Castro Irmão.
- CMMC. (1997). *Os Caminhos da Seda*.
- Cordeiro, J. M. L. (1996). A indústria da seda em Portugal nos séculos XIX e XX. In CERS (Ed.), *España y Portugal en las rutas de la seda: diez siglos de producción y comercio entre oriente y occidente* (pp. 280-301). Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Costa, A. C. (1706). *Corografia Portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*. LISBOA.
- D'Almeida, S. (1945). *Grandezas e Misérias do Bicho da Sêda*. Lisboa: Livraria Luso-Espanhola, L.da.
- Dias, D. J. T. (2014). *As Cortes de Coimbra e Évora de 1472-73. Subsídios para o estudo da política parlamentar portuguesa*. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Coimbra.
- Esteves, S. (1909). A Indústria das Sedas em Trás-os-Montes. *Revista Ilustração Transmontana*, 56, 54-58.
- Kreutzmann, H. (2007). Geographical Research in Chinese Central Asia: Aims and Ambitions of International Explorers in the 19th and 20th Centuries. *DIE ERDE. Special Issue "Ferdinand von Richthofen"*, 138(4), 369-384.
- Laurent de l'Arbousset [Rocha Peixoto] - citando Bluteau, P. D. R. (1900). *O Bicho de Seda* (L. Chardron Ed.). Porto: Bibliotheca Agrícola Popular.
- Masoni-da-Costa, J. F. (1906). *Industria da seda*: Bibliotheca de instrucção profissional.
- Moreno, M. E. G. (1951). *A sericicultura Portuguesa – do passado ao presente*. ISA, Lisboa.
- Neves, J. A. (1827). *Noções historicas, economicas, e administrativas sobre a produção e manufactura das Sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fabrica do Suburbio do Rato, e suas Annexas*. Lisboa: Impressão Regia.
- Nirso, T. S. (1772). *Instrucção summaria sobre o modo de cultivar as amoreiras, e de crear os bichos de seda*. Lisboa: Regia Officina Typografica.
- Osório, S. d. O. d. C. A. (1773). *Tratado pratico da cultura de amoreiras, e da criação dos bichos da seda, com huma necessaria instrucção de tudo o que he congruente ao feliz successo deste trafico*. Lisboa: Regia Officina Typografica.
- Rafael Bluteau, P. D. (1679). *Instrucçam sobre a cultura das amoreiras, & criação dos bichos da seda: dirigida a conservação, & augmento das manufacturas da seda, estabelecidas pelo muito alto, & poderoso Principe Dom Pedro Governador, e Regente dos Reinos de Portugal, e commetidas á direcção de*

- D. Lvis de Menezes Conde da Eiriceira, & Veedor da fazenda Real. Lisboa: Oficina de Joam da Costa.
- Sá, J. A. d. (1787). *Dissertações Philosophico-Políticas sobre o tratado das sedas na Comarca de Moncorvo*. Lisboa: Oficina da Academia das Sciencias.
- Sequeira, G. M. (1922). *Depois do Terremoto. Subsídios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa. Volume III*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Serrano Niza, D. (2007). Arabismos relacionados con el léxico de la seda. *Revista de Filología*, 25(febrero), 559-566.
- Sousa, F. (2006). *História da Indústria das Sedas em Trás-os-Montes*. Porto: Edições Afrontamento.